MATTINGLY, Cheryl. 2014. *Moral laboratories: family peril and the struggle for a good life*

Oakland: California University Press

Cibelle Canto Bastos

REFERÊNCIA

MATTINGLY, Cheryl. 2014. *Moral laboratories: family peril and the struggle for a good life*. Oakland: California University Press. 280 pp.

1 Por mais de quatorze anos, a antropóloga Cheryl Mattingly acompanhou cinquenta famílias norte-americanas da periferia de Los Angeles que se dedicavam aos cuidados intensivos de crianças com deficiência ou com doenças crônicas e incapacitantes. Mattingly nos apresenta, em *Moral laboratories : family peril and struggle for a good life*, sob forte influência da filosofia, os diversos impasses morais e éticos incutidos nas decisões médicas e familiares vividas por cinco dessas famílias – nesse caso, todas negras.

2 O livro é dividido em três partes. Na primeira, "First person virtue ethics" ("Ética da virtude em primeira pessoa"), a autora dedica dois capítulos para nos apontar que a moralidade, bem como as decisões morais, depende de um contexto e de uma interação entre indivíduos, sendo experimentada primeiramente na esfera familiar. A autora se utiliza da narração de cenas etnográficas do cotidiano das famílias para nos mostrar as subjetividades dos indivíduos (morais/éticas) e o laboratório experimental da moral construída pelas famílias que conhecemos. Assim, possibilita-nos pensar o indivíduo à luz de seu aporte teórico, que propõe uma antropologia da moralidade capaz de transitar entre os estudos neoaristotélicos sobre ética e a tradição fenomenológica.

3 Debruçada sobre a vida cotidiana, o tempo arrastado das tarefas e dos cuidados diários e os dilemas e perigos enfrentados no dia a dia, a autora elabora o conceito de *moral laboratories* (laboratórios morais), que são os espaços de experimentação, que oferecem

possibilidades de criação de vivências definidoras de como a vida pode – ou deve – ser. Deste modo, a casa, a igreja, a escola, a rua e o hospital são espaços que possibilitam as tentativas cotidianas, promovendo a crítica e a autocrítica sobre decisões tomadas. São também esses espaços que possibilitam a busca pela *good life* (vida boa), e são justamente essas experiências morais do dia a dia que transformam e desenvolvem moralmente o indivíduo. Como Mattingly aponta, esses momentos da *ordinary life* (vida comum) podem se tornar extraordinários e revolucionários pessoal, política e culturalmente.

4 A narração de cenas e acontecimentos da vida das famílias é mais encorpada a partir da segunda parte do livro, intitulada "Moral becoming and the everyday" ("A transformação moral e o cotidiano"). Nesta segunda parte, a autora nos presenteia com emocionantes relatos etnográficos que ilustram sua abordagem de uma "ética da virtude em primeira pessoa", que se manifesta nos dramas e dilemas da vida cotidiana. Os capítulos quatro, cinco e seis têm um tom quase literário que nos faz torcer por esses personagens da vida real, pelos dramas vividos por Delores e sua família, Dotty e sua filha Betsy, as mães Andrena e Belinda. A partir do relato do cotidiano das famílias acompanhadas, esta parte do livro problematiza o julgamento moral, as dificuldades de ser mãe nas circunstâncias descritas, as lutas encontradas na vida cotidiana e o constante espectro da tragédia moral ou social que assola essas famílias, fazendo com que as mães se mobilizem em torno da criação de recursos morais para tomar as melhores decisões possíveis. Na terceira e última parte da obra, "Moral pluralism as cultural possibility" ("Pluralismo moral como possibilidade cultural"), a autora se dedica a debater as possibilidades e implicações revolucionárias das experimentações nesses laboratórios cotidianos. A partir do assassinato de Leroy (neto de Delores), a autora problematiza o lugar da rua e o desafio das mães da periferia em transformar a casa em um espaço seguro, em antagonismo ao perigo representado pela rua – drogas, gangues, polícia, violência. Mattingly destaca, no último capítulo, que as tragédias apresentadas no decorrer do livro não são meramente frutos de acaso ou má sorte. São, no fundo, frutos do medo do fracasso moral, já que tais mulheres vivem assombradas de não conseguir proteger suficientemente suas crianças em suas vulnerabilidades. E são também frutos de uma opressão estrutural, vinda da pobreza e do racismo – apontados apenas superficialmente pela autora.

5 Concluímos a leitura entendendo que os acontecimentos da vida cotidiana têm potencial para além da repetição e reprodução mecânica da rotina ; o dia a dia tem potência de gerar transformação prática e (auto)narrativa. Os momentos dramáticos de ruptura do cotidiano são importantes espaços de experimentação e revolução que podem se dar na esfera familiar da vida cotidiana e se expandir a outras esferas : a comunidade, a escola e até mesmo as políticas públicas.

6 A obra nos leva a refletir o quanto o cotidiano, marcado por um sofrimento crônico, pode minar a autoestima dos indivíduos ao ser combinado com o racismo e a pobreza – neste caso, das mulheres negras, que nem sempre se reconhecem em seus esforços e são constantemente julgadas moralmente por si e pelos demais. Ainda que não seja o objetivo do estudo, o livro de Mattingly nos ajuda a pensar no forte julgamento moral e até na desmoralização que mulheres negras, sendo ou não mães de crianças com necessidades especiais, passam quando não conseguem construir caminhos frutíferos para alcançar a tão estimada *good life* e mudar os rumos de sua vida pessoal, familiar e comunitária. Embora sua narrativa seja tocante e sensível, ao retratar as figuras

centrais de sua pesquisa – que acontece em torno de mulheres cuidadoras principais dos filhos –, a autora, que no início da obra problematizou o estereótipo de "*Superstrong black mother*" ("Mães negras superfortes"), acaba incorporando-o no relato das sucessões de acontecimentos tristes e delicados das vidas dessas mães.

7 Embora esta seja uma obra sobre o cotidiano e os embates morais vividos em famílias negras, os estudos gerados por intelectuais negros aparecem muito pontualmente. A autora acaba por discutir as questões de moralidade do cotidiano de pessoas negras sob a luz do pensamento de intelectuais, majoritariamente, não negros, contribuindo com a invisibilização política e acadêmica de intelectuais negros. A pouca referência a autores negros, de certo modo, empobrece a reflexão sobre o campo da autora e o impacto do racismo nessas vidas. Talvez uma reflexão aprofundada do que a escritora negra norte-americana Toni Morrison apresenta em seus livros a respeito do construto social das mulheres negras, para além das epígrafes apresentadas na abertura de subtópicos nos capítulos, ou mesmo uma reflexão maior do pensamento de W.E.B Du Bois (sociólogo norte-americano negro, considerado pai do pan-africanismo), que aparece brevemente no capítulo sete falando sobre a invisibilidade da comunidade negra na política norte-americana, poderiam suprir minimamente essa carência. Mattingly não sinaliza que seu livro se debruçará sob a discussão racial, entretanto, ao debater as questões morais e tragédias do cotidiano que atravessam famílias negras e periféricas, é impossível se desvencilhar deste debate. Sua obra seria muito mais forte se, para além de interlocutores negros, trouxesse autores negros que se somassem a essas múltiplas vozes e discutissem com mais profundidade questões como racismo, pobreza, estereótipos de maternidade negra e o contexto da periferia, dando voz e espaço acadêmico para esses atores.

8 Para antropólogos ou demais pesquisadores interessados em discussões relacionadas à raça, a parte etnográfica da obra é detalhada e oferece um panorama e uma narrativa ricos para a compreensão do cotidiano das famílias, possibilitando ao leitor mais engajado nessas questões refletir sobre este panorama a partir de aportes teóricos não explorados pela autora. O texto apresenta um material enriquecedor para antropólogos que têm como campo de interesse a moral e sua dimensão filosófica, e também para aqueles que se interessam por discussões relacionadas ao cuidado. Por tratar de questões ligadas à moralidade do cuidado, é uma obra que pode interessar também a profissionais de saúde. Além disso, a interface que Mattingly apresenta entre cuidado e moralidade acaba ampliando o horizonte de interesses sobre o livro, tornando *Moral laboratories* um trabalho etnográfico e teórico útil para discussões de cunhos diversos.

AUTORES

CIBELLE CANTO BASTOS

PPGAS/UnB
cibellecanto[at]hotmail.com